



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

O SENTIDO DE *LIBERDADE* EM UM JORNAL ABOLICIONISTA: UMA ANÁLISE À LUZ DA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO

Israela Geraldo Viana*
(UESB)

Jorge Viana Santos**
(UESB)

Adilson Ventura da Silva***
(UESB)

Vanessa Oliveira Nogueira de Sant'Ana****
(UESB)

RESUMO

O presente trabalho, como parte de um projeto maior intitulado “Sentido, argumentação e liberdade político-jurídica na sociedade escravista” (SANTOS, 2012), objetiva analisar o sentido da palavra *liberdade* no texto “A escravidão”, publicado em novembro de 1887, ou seja, seis meses antes da abolição da escravidão, em um jornal baiano denominado “O Asteroide” que se autodeclarava abolicionista. Para isso, toma-se como base teórica a Semântica do Acontecimento conforme Guimarães (1995; 2002; 2009), motivo por que, como metodologia, examinaremos nos enunciados do referido texto as reescrituras e articulações da palavra *liberdade*, bem como os memoráveis que ela recorta, visando estabelecer o seu Domínio Semântico de Determinação (DSD).

PALAVRAS-CHAVE: Liberdade, Sentido, Abolição.

* Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB – PPGLIN/UESB. Bolsista CNPQ. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. E-mail: israelaviana@gmail.com.

** Doutor em Linguística (UNICAMP). Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia–UESB. Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos. E-mail: viana.jorge.viana@gmail.com.

*** Doutor em Linguística (UNICAMP). Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia–UESB. Membro do Grupo de Pesquisa Semântica do Acontecimento. E-mail: adilson.ventura@gmail.com.

**** Graduada em Direito pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB – PPGLIN/UESB. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. E-mail: nessa_ons@yahoo.com.br.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

INTRODUÇÃO

A liberdade e a escravidão são temas que têm sido muito estudados por meio de diferentes tipos de documentos, tais como testamentos, cartas de alforria, inventários pós-morte, registros de batismo, processos, jornais da época e tantas outras fontes de investigação que têm embasado os estudos sobre esse período da história do Brasil que durou quase quatro séculos.

Essas pesquisas, tanto na área da História quanto da Linguística, principalmente da Semântica, em muito têm contribuído para a compreensão do sistema escravocrata brasileiro e seu funcionamento, não só na sociedade, mas, sobretudo na língua, revelando modos específicos e peculiares de significar que determinadas palavras e expressões possuíam, como liberdade, liberto, escravidão, escravo, “como se de ventre livre nascesse”¹⁵ etc. e esses modos de significar funcionavam não só no âmbito linguístico, mas também no âmbito social.

Esses diversos documentos revelam características próprias da escravidão que são interessantes para a História bem como para a Semântica. Partindo disso, nesse artigo, objetiva-se analisar, à luz da Semântica do Acontecimento, o sentido da palavra “liberdade” no texto intitulado “A escravidão” publicado na sessão “Colaboração” do jornal “O Asteroide” no ano de 1887, seis meses antes da abolição da escravatura pela Lei Áurea.

Para tanto, esse artigo organiza-se da seguinte forma: primeiramente apresenta-se uma explanação sobre o jornal, seu objetivo, organização e a sessão na qual é publicado o texto em análise; logo após tem-se uma exposição sobre a Semântica do Acontecimento e os pressupostos teóricos que serão mobilizados neste trabalho; em seguida apresenta-se a análise da palavra “liberdade”, suas reescrituras e articulações em todo o texto para a compreensão do(s) sentido(s) que ela apresenta, assim como os memoráveis por ela recortados; após isso, tem-se

¹⁵ Essa expressão é encontrada nas cartas de alforria de Vitória da Conquista – Bahia, estudadas por Santos (2008).



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

o DSD (Domínio de Determinação Semântica), pois este apresenta-se como um resumo da análise, visto que é construído a partir das reescrituras, articulações, memoráveis e da cena enunciativa dessa palavra nesse texto; por fim tem-se a conclusão a que foi possível chegar e as referências que fundamentaram este estudo.

O jornal “o asteroide”

O jornal “O Asteroides” foi criado em 1887 na cidade de Cachoeira na Bahia, em um momento histórico no qual, segundo Souza (2010, p. 20), a abolição da escravatura era tema de discussão entre *proprietários de escravos, parlamentares, juristas, abolicionistas* e a população livre.

Esse periódico se autodeclarava “órgão da propaganda abolicionista”, informação encontrada na página inicial do jornal, e era composto por quatro páginas, sendo que as primeiras eram reservadas à matérias e artigos que apresentavam informações sobre a escravidão e o abolicionismo e, as últimas continham anúncios diversos sobre serviços, vendas e aluguéis de propriedades etc.

“O Asteroides” era publicado às terças e sextas-feiras, mas há algumas edições do jornal que são de outros dias da semana, como por exemplo, as edições 5, 22, 26 e 28 que foram publicadas aos sábados e as edições 25 e 27 que são de segunda-feira e quarta-feira, respectivamente. Segundo Souza (2010, p. 45), os motivos para essas publicações fora dos dias habituais, podem ser *o “calor” da notícia*, que acabava por antecipar uma publicação; *o atraso na diagramação dos textos*, que fazia a publicação do período atrasar ou circunstâncias diversas, como o mal tempo, por exemplo.

Esse jornal, (cf. Souza, 2010), era impresso na tipografia de Olympio Pereira da Silva e teve sua primeira publicação em setembro de 1887, sendo publicado durante um ano, até setembro de 1888. Depois dessa data o periódico deixou de



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

circular, mas, em maio de 1889 foi publicada uma edição especial do jornal “O Asteroide” em comemoração a Lei Áurea.

O objetivo do jornal era convencer a população de Cachoeira que a escravidão não era natural, não era legítima, mas ao contrário, que ela era desumana. Isso era feito através das informações sobre o Abolicionismo que eram veiculadas no periódico, buscando-se deslegitimar a escravidão ao fazer a população livre enxergá-la como um mal que deveria ser combatido por todos, seja por motivos religiosos e/ou econômicos.

O periódico “O Asteroide” não apresentava sessões muito fixas, mas, a partir de sua leitura, foi possível fazer um breve resumo da veiculação da sessão “Colaboração” no ano de 1887, na qual é veiculado o objeto de estudo deste artigo. Essa sessão aparece primeiramente na edição 12, de sexta-feira 04 de novembro de 1887, trazendo um texto intitulado “A escravidão” e assinado por Lycinthro – o Forte, esse é o texto que analisamos neste trabalho.

A sessão “Colaboração” é veiculada novamente nas edições 13, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 23, sendo as edições 16 e 18 de sexta-feira e as restantes de terça-feira, apresentando títulos como “Abolição”, “Os padres e a escravidão!..”, “Injustiça na escravidão” dentre outros, sempre tratando da escravidão e da abolição e, principalmente, incitando a população sobre a necessidade e a importância do Abolicionismo. A observação da publicação dessa sessão no ano de 1887 foi suficiente para notar-se que não há uma regularidade em sua publicação, e por essa razão não foi necessário observar o ano seguinte.

Semântica do acontecimento: reescritura e articulação

A Semântica é uma ciência que se ocupa da significação e tem como objeto de estudo o significado. Dentre suas quatro vertentes principais, encontra-se a Semântica do Acontecimento, que será tomada como embasamento teórico neste trabalho.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Formulada por Guimarães como uma semântica histórica da enunciação, essa semântica define-se como [...] *lugar em que se trata a questão da significação ao mesmo tempo como lingüística, histórica e relativa ao sujeito que enuncia.* (GUIMARÃES, 1995, p. 85). Além disso, ela *considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer.* (GUIMARÃES, 2002, p. 7).

Nessa Semântica a enunciação é entendida como um acontecimento no qual ocorre a relação do sujeito com a língua, e o lugar onde o sentido é estabelecido através da relação sujeito-língua.

Mobilizar-se-à, neste trabalho, principalmente, dois pressupostos teóricos da Semântica do Acontecimento: reescritura e articulação. A reescrituração é (cf. GUIMARÃES, 2002, p. 28) *uma operação que significa, na temporalidade do acontecimento, o seu presente. A reescrituração é a pontuação constante de uma duração temporal daquilo que ocorre [...].* E esse processo de reescritura é essencial na constituição do sentido, pois, segundo Guimarães (2002, p. 28), *[...] não há texto sem o processo de deriva de sentido, sem reescrituração [...].*

Os procedimentos de reescritura, segundo Guimarães (2002),

são procedimentos pelos quais a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito. Assim a textualidade e o sentido das expressões se constitui pelo texto por esta reescrituração infinita da linguagem que se dá como finita pelo acontecimento (e sua temporalidade) em que se enuncia. (GUIMARÃES, 2002, p. 28).

Assim, para essa semântica, toda vez que algo é reescriturado, toda vez que um termo é dito novamente, acrescenta-se algo novo a significação do termo reescriturado. Dessa forma, o processo de reescritura permite uma interpretação diferente daquilo que é reescriturado, de forma que o sentido de tal termo não será mais o mesmo após esse processo.

Segundo Guimarães (2002), a reescrituração infinita da linguagem torna-se finita por meio do acontecimento, visto que faz-se necessário um recorte. Ainda



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

que a reescrituração seja um processo constante, ou seja, mesmo que esteja-se reescrevendo o tempo inteiro, é preciso fazer recortar um memorável, seja em um único texto ou no *corpus* analisado, e esse memorável recortado acarretará uma projeção de futuro que fará parte da constituição do sentido do termo reescriturado.

O memorável é o passado do acontecimento, que faz significar o presente e a latência de futuro ou a futuridade do acontecimento. Segundo Guimarães (2002, p. 15) *o passado no acontecimento é uma rememoração de enunciações por ele recortada, fragmentos do passado por ele representados como o seu passado. O memorável de um termo reescriturado é diferente após a reescrituração, ou seja, ao reescrever um termo atribui-se a ele um memorável diferente, responsável por uma nova significação, não inteiramente nova, porém, mais ampla e, portanto, distinta.*

Segundo Guimarães (2002, p. 28) *[...] este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado. E o que ele atribui? Aquilo que a própria reescrituração recorta como passado, como memorável [...].* Assim, o sentido de um termo é constituído em um texto através da reescritura, são as diversas reescriturações de um termo, juntamente com as articulações estabelecidas em tal texto, que estabelecem o seu sentido.

Ao contrário da articulação, a reescritura não é uma relação entre termos próximos, ao invés disso, uma característica fundamental da reescritura, segundo Guimarães (2009), é que ela constitui uma relação entre termos distantes, mas que também podem estar contíguos.

A articulação, por sua vez, segundo Guimarães (2009, p. 51) é *o procedimento pelo qual se estabelecem relações semânticas em virtude do modo como os elementos linguísticos, pelo agenciamento enunciativo, significam sua contiguidade*, ou seja, é o procedimento em que os termos estabelecem entre si relações de sentido pela proximidade em que se encontram em determinado texto e essa contiguidade é significada pela enunciação.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Segundo Guimarães *um aspecto importante na caracterização das articulações é que elas não são meramente relações internas ao enunciado, mas relações de contigüidade que fazem do enunciado um elemento que se integra a um texto.* (GUIMARÃES, 2009, p. 52). Assim, as articulações são tudo aquilo que faz parte da constituição do sentido de um termo não apenas em relação ao enunciado, mas em relação ao texto como um todo, visto que esse enunciado se integra a um texto pelas relações de articulação.

O sentido de “liberdade” em “a escravidão”: uma análise à luz da semântica do acontecimento

O texto “A escravidão” que será analisado aqui foi publicado em 4 de novembro de 1887 em um jornal baiano denominado “O Asteroide”. Sendo assim, ele antecede em seis meses o fim da escravidão, ou seja, esse texto circulou entre a população baiana de Cachoeira em um momento muito importante da história do Brasil: o cenário da escravidão brasileira seis meses antes da Lei Áurea ser assinada dando liberdade aos escravos.

Dessa forma, ele foi escrito em um momento no qual as discussões sobre a libertação dos escravos era muito forte entre toda a população, ou seja, em um período no qual o Abolicionismo ganhava ainda mais força e o apoio de toda a população, seja por motivos religiosos ou econômicos, o certo é que as pessoas já não aceitavam como antes a legitimação da escravidão.

Considerando-se isso, crê-se que a análise do sentido da palavra “liberdade” nesse texto pode se revelar muito interessante não só historicamente, auxiliando na compreensão do funcionamento do sistema escravocrata no Brasil em seus últimos seis meses, mas sobretudo linguisticamente, revelando o modo como “liberdade” significa em tal cena enunciativa, as relações de reescritura e articulação que ela estabelece em todo o texto e os memoráveis que ela recorta constituindo seu sentido.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Dessa forma a cena enunciativa desse texto se constitui de um locutor-jornalista e de um enunciador-universal. Sendo que esse locutor se apresenta como abolicionista e expõe, do seu lugar de dizer, como verdadeiro o discurso contra a escravidão, o discurso do Abolicionismo.

Reescrituras e articulações: a construção do sentido de “liberdade” em “a escravidão”

Partindo para a análise das reescrituras e das articulações da palavra “Liberdade” no texto “A escravidão”, apresenta-se abaixo os recortes do texto que possuem reescrituras da palavra em análise:

1 – “Liberdade é a vida, a honra, a pátria, a família e até Deus¹⁶.” (p. 1)

2 – O escravo este instrumento vivo, na frase do grande filósofo antigo, é de fato a injúria da nação brasileira onde a liberdade em raios brilhantes surgiu cheia de encanto e glória nas asas de 1822. [...] (p. 1)

3 – Rasgem-se as trevas de um código vil, que alimenta o direito de reduzir um cidadão à propriedade de outrem, despedacem-se até o próprio trono, se para ele existir, for preciso a escravidão, troquem-se a vida pela morte já que não podemos emancipar nossos irmãos!...surja a liberdade! (p. 1)

4 – O homem nasceu livre e o seu semelhante não tem direito de escravizá-lo, fujam os cativos da tirania engenhocrata e não se sujeitem ao trabalho sem a recompensa; o jornal é o elemento do trabalho, e ai daquele que me negar o jornal de meu trabalho; no entanto o pobre cativo deixa a usura de um desumano, de um desalmado roubar-lhe o suor, a vida, o trabalho e.... a... liberdade!... [...] (p. 1-2)

5 – Cachoeiranos! Tu que não temeste a jugo lusitano, tu que no furor inexpugnável do patriotismo subjugaste a tirania, e ergueste o “auriverde” pendão da liberdade, não deixarás por certo, de ouvir o grito do cativo. (p. 2)

¹⁶ Todos os trechos selecionados encontram-se aqui em ortografia modernizada.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

6 – Somos brasileiros, queremos a abolição da escravidão, e não tememos a revolta, porque junto à ideia está o valor, e junto à liberdade está Deus. (p. 2)

7 – Povo brioso, não há direito na escravidão, senão o de liberdade ou morte, os escravos são livres como nós, e num país livre ninguém nasce cativo; a emancipação de nosso império foi à sangue do povo, da pobreza enfim, e não do rico usuário e “cafetão” negroiro. [...] (p. 2)

8 – Abriguemos o pobre cativo que nos andrajos vil da escravidão suplica a liberdade. (p. 2)

Analisando os recortes do texto acima expostos, é possível constatar que a palavra “liberdade” é reescriturada quatro vezes por elipse já no primeiro enunciado do texto e depois é reescriturada por repetição nos recortes 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8.

No recorte 1, há quatro reescrituras por elipse da palavra “liberdade”, sendo que na primeira reescritura ela está articulada com honra; na segunda há uma articulação com pátria, na terceira reescritura “liberdade” está articulada com família e na quarta e última reescritura por elipse há uma articulação com até Deus.

A articulação com estas quatro palavras, já no início do texto, vai construindo um sentido específico de “liberdade”, uma liberdade que está relacionada a ter honra, ter pátria, ter família e ter um Deus e poder cultuá-lo. Sendo assim, o escravo não tem liberdade porque não tem nenhum dos quatro, visto que as duas primeiras, honra e pátria, lhe foram tomadas; a terceira, família, se não tomaram, ao separarem os familiares, não o permitiram construir e; a quarta, Deus, não aceitaram o deus dele como o Deus do senhor e, não permitiram que o cultuassem, assim o escravo tinha um deus (ou mais), mas não um Deus.

No recorte 2 do texto, há uma reescritura da palavra “liberdade”, que é feita por repetição e encontra-se articulada com raios brilhantes e com cheia de encanto e glória nas asas de 1822. Neste recorte o texto traz o memorável da liberdade do país, da Independência do Brasil ocorrida em abril deste ano. Com a



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

independência, o país torna-se livre de Portugal, ou seja, o Brasil passa a ter liberdade política.

Assim como a liberdade do país, que surge como um raio brilhante, que ilumina e tira-o da escuridão, da sombra do colonizador, assim também, a liberdade do escravo é a luz que resgata-o da escravidão, que retira-o da sombra do senhor. Dessa forma, liberdade é independência, é estar livre para fazer suas próprias escolhas, e não viver às sombras de outros.

No recorte seguinte, no qual a reescritura também é feita por repetição, há uma articulação com emancipar nossos irmãos. O sentido de liberdade, neste texto, é constituído também por emancipar, ou seja, tornar-se independente, livrar-se da tutela.

A articulação de “liberdade” com irmãos marca exatamente que estes, “irmãos”, não possuem liberdade. Dessa forma, é preciso emancipá-los, libertá-los. Além disso, os escravos são tomados como “nossos irmãos”, aqui eles não são bens materiais, propriedades de alguém, como eram tidos pelos senhores, inclusive podendo ser herdados, vendidos, emprestados etc. Ao contrário, no texto “A escravidão” os escravos são tomados como seres humanos “nossos irmãos” e pela liberdade deles é preciso lutar, mesmo arriscando a própria vida.

No recorte 4, há novamente uma reescritura por repetição e “liberdade” articula-se com suor, vida, e trabalho. Essas três palavras fazem parte da constituição do sentido de “liberdade”, de forma que liberdade é a vida, é não ter roubado o suor do próprio trabalho.

A oitava reescritura é encontrada no recorte 5 e também é feita por repetição. “Liberdade” encontra-se articulada com auriverde pendão e com o grito do cativo. Aqui o texto traz um memorável do poema “Navio Negreiro” de Castro Alves, no qual há um verso que diz *Auriverde pendão de minha terra*. Esse verso recorta um memorável da Bandeira Nacional Brasileira, que é um dos símbolos do Brasil e representa a Independência do país, dessa forma, liberdade é independência. Liberdade é também o grito do escravo, é o seu clamor.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

No recorte de número 6, “liberdade” mais uma vez é reescriturada por repetição e encontra-se articulada com abolição da escravidão e Deus. Liberdade é a abolição da escravidão, é a libertação dos escravos, é a saída do cativo. Além disso, há uma articulação de “liberdade” com Deus, “junto à liberdade está Deus”, ou seja, Deus está na liberdade, e só com liberdade os escravos poderão estar junto a Deus porque é na liberdade que Ele está e não na escravidão.

Na reescritura seguinte, que é feita por repetição, há uma articulação com direito e morte. Liberdade é um direito do escravo, pois o Brasil é um país livre graças ao sangue do povo que foi derramado na luta pela independência, sangue do povo pobre e não do “rico usuário e ‘cafetão’ negreiro” que agora rouba a liberdade ao escravo. Liberdade é um direito do escravo também porque todos nascem livres, visto que Deus dá liberdade à todos, e o “cafetão negreiro”, não tem direito de tirar a liberdade, pois só Deus possui esse direito.

Aqui “cafetão negreiro” funciona como uma reescritura de senhor e, sendo este, aquele que escraviza, traz um memorável de que retira a liberdade mesmo sem ter o direito de fazê-lo.

Neste recorte do texto, liberdade é também articulada com morte, estabelecendo uma relação de oposição, assim, liberdade é o contrário da morte, liberdade é vida, enquanto escravidão é o contrário de liberdade, escravidão é morte. Dessa forma, se não há liberdade é melhor a morte, pois a escravidão já é a morte da honra, dos direitos, da vida.

Na última reescritura do texto, a palavra “liberdade” é reescriturada por repetição e está articulada com escravidão, estabelecendo uma relação de oposição, ou seja, no sofrimento da escravidão o cativo suplica a liberdade. Dessa forma, liberdade é a abolição da escravidão, liberdade é a alforria.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Memoráveis: “deus dá a liberdade a todos e ninguém tem o direito de tirá-la” e “alforria”

Em relação ao memorável, a palavra “liberdade”, no texto “A escravidão”, recorta dois memoráveis: o memorável de que Deus dá a liberdade a todos e de que ninguém tem o direito de tirá-la e o memorável da alforria. Há no texto três enunciados que possibilitam recortar o primeiro memorável. Um é o primeiro enunciado do texto, o outro encontra-se mais ao meio e o terceiro está no final do texto: **a)** *Liberdade é a vida, a honra, a pátria, a família e até Deus;* **b)** *Somos brasileiros, queremos a abolição da escravidão, e não tememos a revolta, porque junto a ideia está o valor, e junto a liberdade está Deus;* **c)** *Salvem o escravo, este verdadeiro náufrago que a tormento ira da usura de vis larápios, procura tragá-lo sem respeito ao povo, sem obediência a justiça, a Deus, a pátria e a família.*

Nota-se que nos três enunciados é recortado o memorável de que Deus dá a liberdade a todos e de que ninguém tem o direito de tirá-la por meio da palavra “Deus”. Nos dois primeiros “liberdade” traz tal memorável associando-se a Deus: em **a)** afirma-se que “liberdade é até Deus”, sendo que a palavra liberdade está em elipse no enunciado e, em **b)** o texto diz que “Deus está junto à liberdade”, ou seja, Deus está na liberdade e não na escravidão.

O terceiro enunciado, por sua vez, diz que os ladrões, os senhores, roubaram a liberdade de pessoas tornando-as escravas e isso é desrespeitar o povo, desobedecer à justiça, desobedecer à Deus, à pátria e também à família. Assim, a vontade de Deus é a liberdade, e quem pratica a escravidão desobedece-lhe, pois é Deus quem dá a liberdade e só Ele pode tirá-la.

Nota-se também que tanto em **a)** quanto em **c)** “liberdade” está articulada com Deus, pátria e família, constituindo, assim, um sentido de liberdade que está estritamente ligado à pátria e à família, assim como, à Deus.

Em relação ao memorável alforria há dois trechos do texto “A escravidão” que permitem recortá-lo, são os recortes 3 e 5. No primeiro fala-se em “emancipar os nossos irmãos”, isto é, torná-los independentes, libertá-los, ou seja, alforriá-los.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

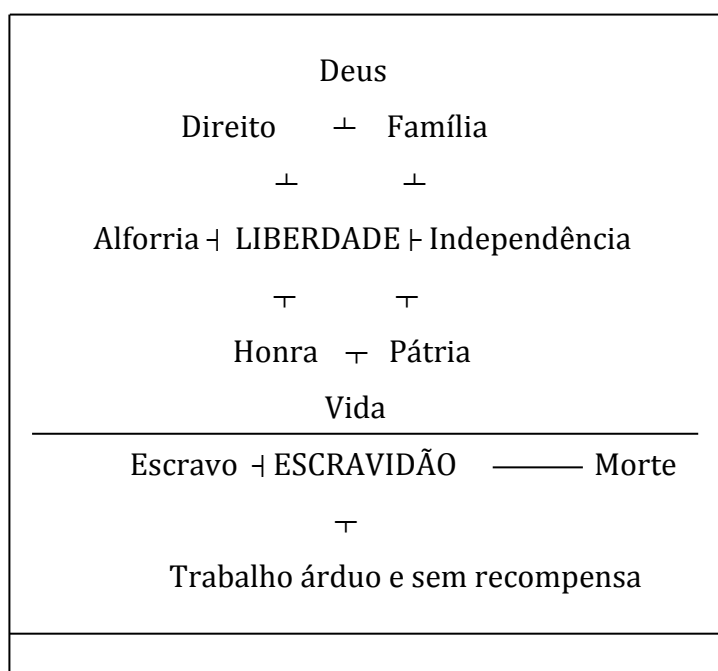
14 a 16 de outubro de 2015

O recorte 5, também possibilita esse memorável quando o texto ao fazer funcionar o memorável do poema Navio Negreiro recorta o memorável da Bandeira Nacional Brasileira que simboliza a independência do país e, dessa forma, ter liberdade é ser independente, é não está sob o domínio de ninguém é ter alforria.

Após a análise feita aqui, pode-se constatar que a palavra “liberdade” possui, no texto em análise, uma significação específica do período da escravidão brasileira, pois, em “A Escravidão”, liberdade é estar junto à Deus, liberdade é ter alforria, é ter pátria, ter vida, ter honra, ter família, ter direito e ter independência.

“Liberdade” estabelece, ainda, nesse texto, uma relação de oposição com “escravidão” que aqui é sinônimo de morte e está determinada por “escravo” e por “trabalho árduo e sem recompensa”. Assim, o sentido de “liberdade” aqui é diferente do sentido atualmente estabelecido, visto que hoje em dia, o conceito de liberdade não é constituído pelas ideias de Deus, alforria, pátria, honra ou família, restando em comum apenas as ideias de independência e direito.

A partir disso, pode-se apresentar o DSD de “liberdade” da seguinte forma:



Obs.: ler ⊥ como determina, —— como sinonímia e a linha como oposição.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

CONCLUSÕES

Pode-se concluir, após os estudos e a análise feita neste trabalho, que a palavra “liberdade” no texto “A escravidão” é reescriturada diversas vezes por elipse e por repetição e articula-se com Deus, alforria, pátria, vida, honra, família, direito, independência, escravidão e morte, sendo que com as duas últimas ela estabelece uma relação de oposição. Além disso, nesse texto escravidão é sinônimo de morte e determinada por escravo e por trabalhado árduo e não recompensado.

A cena enunciativa desse texto constitui-se de um locutor-jornalista e um enunciador-universal, que se autodeclara abolicionista e sustenta essa posição em seu texto, incitando a população livre contra a escravidão, tentando mostrar a ela que a escravidão não é legítima, como por exemplo, no trecho em que diz “não acreditamos na lei que reduz um ser humano em animal bruto e obriga-o a penosíssimo trabalho!..” e buscando sempre fazer a população se colocar do lado do escravo e contra o senhor, como quando o texto diz “abriguemos a inocente vítima que foge do urso sanguinário, e ousadamente o persegue com o ridículo nome de senhor”.

No texto analisado, “liberdade” recorta o memorável de que “Deus dá a liberdade a todos e de que ninguém tem o direito de tirá-la” e o memorável da alforria. Assim, constata-se que o sentido que a palavra “liberdade” possui no texto “A Escravidão” é um sentido próprio da escravidão brasileira, pois, o conceito atual de liberdade, normalmente, não inclui as ideias de Deus, alforria, pátria, vida, honra e família, assim, raramente encontrar-se-à um texto atual em que essa palavra recorte os mesmos memoráveis que ela recorta no texto analisado, pois tem-se aqui um sentido específico para um contexto histórico específico, novembro de 1887, seis meses antes da abolição da escravidão.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

REFERÊNCIAS

- ALVES, Castro. **Navio negreiro**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf>>. Acesso em: 12/02/2015.
- GUIMARÃES, Eduardo. A Enumeração: Funcionamento Enunciativo e Sentido. In: **Caderno de Estudos Lingüísticos**. v.1. Campinas: Unicamp, 2009.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas: Editora RG, 4ª edição, 2010. Edição original: 1995.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2005. Edição original: 2002.
- LUZ, Milton. **A História dos Símbolos Nacionais**. Brasília: Senado Federal, 2005. Edições do Senado Federal; v. 47. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1099/729330.pdf?sequence=4>>. Acesso em: 12/02/2015.
- O ASTEROIDE: orgam da propaganda abolicionista. Cidade da Cachoeira [BA]: Typ. do Asteroide, 1887. Edição 12, p. 1-2. In: **BRASIL. Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br>> Acesso em: 14/01/15.
- PRIBERAM** Dicionário. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/>>. Acesso em: 12/02/2015.
- SANTOS, Jorge Viana. (2008). **Liberdade na escravidão: uma abordagem semântica do conceito de liberdade em cartas de alforria**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2008.
- SANTOS, Jorge Viana. **Sentido, argumentação e liberdade político-jurídica na sociedade escravista**. Vitória da Conquista: UESB, 2012. Projeto de pesquisa.
- SOUZA, Jacó dos Santos. **Vozes da Abolição: escravidão e liberdade na imprensa abolicionista cachoeirana (1887-1889)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Departamento de Ciências Humanas, UNEB, Santo Antônio de Jesus, 2010.